

## “UM BELO DIA” E SEUS CONTEXTOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

*Michele Denise da Silva*  
*Vânia Cristina Casseb-Galvão*

**RESUMO:** Neste artigo temos como objetivo descrever e analisar o pareamento “Um belo dia” a partir da perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso a qual entende que a linguagem é formada através dos processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e a língua é entendida como um sistema adaptativo complexo, com uma estrutura fluida, além de se preocupar em analisar e esclarecer a gramática da língua através do uso. Esses conceitos fundamentam a teoria entendida hoje como a Gramática das Construções, que definem a constituição gramatical como uma rede conceitual, um sistema de entidades interconectadas cognitivamente (LANGACKER, 2008, TOMASELLO, 2010) e a língua organizada a partir de uma rede de relações através de um modelo centrado no uso (TROUGOTT e TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001, GOLDBERG, 2006). O *corpus* eleito para a pesquisa é o *Corpus do Português* e a hipótese é que a construção “um belo dia” em seu uso mais abstratizado atua no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa, influenciando a recepção do leitor e seu envolvimento com a trama discursiva, preparando-o e apresentando o clímax da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguística funcional centrada no uso, gramática das construções, “um belo dia”.

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia, conclusão em 2017. Licenciada em Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, conclusão em 2010. Especialista em Língua Portuguesa pela mesma Universidade, conclusão em 2011. Professora efetiva da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Professora formadora da área de linguagens do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso - CEFAPRO. Área de investigação: Linguística Funcional, Gramaticalização, Gramática das Construções. Participa do Grupo de Estudos Funcionalistas da UFG, no projeto Redes de estudo de Língua Portuguesa ao redor do mundo.

<sup>2</sup> Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Lisboa/PT/2010) e pela UFPa (2015-2017), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Professora associada da Universidade Federal de Goiás, atuante no programa de pós-graduação Letras e Linguística. Professora colaboradora do programa de pós-graduação em Linguística, Letras e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: evidencialidade, gramaticalização, modalidade, gramática funcional, funcionalismo e ensino. Presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), biênio (2014-2017), coordenadora do convênio de cooperação internacional UFG/Unisalento (It) (2015-2020).



## “UM BELO DIA” AND ITS GRAMMARALIZATION CONTEXTS

**ABSTRACT:** In this article we aim to describe and analyze the pairing "um belo dia" from the theoretical perspective of Usage-Based Linguistics, which understands that language is formed through cognitive, socio-interactive and cultural processes, and language is understood as an adaptive complex system, with a fluid structure, besides focusing on analyzing and clarifying the grammar of the language through use. These concepts ground the theory perceived today as Construction Grammar, which defines grammatical constitution as a conceptual network, a system of cognitively interconnected entities (LANGACKER, 2008 TOMASELLO, 2010) and language as organized by a network of relations through a usage-focused model (TROUGOTT; TROUSDALE, 2013 CROFT, 2001 GOLDBERG, 2006). The corpus chosen for this research is the Corpus of Portuguese and our hypothesis is that the construction "um belo dia", in its most abstract usage, operates in the textual level, by assisting in the macro-organization of the narrative, and influences the reader's reception and his/her involvement with the discursive plot, preparing him/her and presenting the narrative climax

**KEYWORDS:** Usage-Based Linguistics, Construction Grammar, “um belo dia”.

## "UN BELO DÍA" Y SUS CONTEXTOS DE GRAMATICALIZACIÓN

**RESUMEN:** En este artículo tenemos como objetivo describir y analizar el pareamiento "um belo dia" a partir de la perspectiva teórica de la Lingüística Funcional centrada en el uso que entiende que el lenguaje se forma a través de los procesos cognitivos, socioeconómicos y culturales y la lengua es entendida como un sistema adaptativo complejo, con una estructura fluida, además de preocuparse en analizar y aclarar la gramática de la lengua a través del uso. Los conceptos fundamenta la teoría entendida hoy como la gramática de las construcciones, que definen la constitución gramatical como una red conceptual, un sistema de entidades interconectadas cognitivamente (LANGACKER, 2008, TOMASELLO, 2010) y la lengua organizada a partir de una red de relaciones a través de un modelo centrado en el uso (TROUGOTT y TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001, GOLDBERG, 2006). El corpus seleccionado para la encuesta es el Corpus del portugués y la hipótesis es que la construcción de "um belo dia" en su uso más abstratizado opera en el nivel textual, ayudando en la macro-organización de la narrativa, que influye en la recepción del lector y su relación con la trama discursiva, preparándolo y presentando el clímax de la narrativa.

**PALABRAS CLAVE:** lingüística funcional centrada en el uso, gramática de las construcciones, "Um belo dia".



## Introdução

Neste artigo, temos como fenômeno de estudo a construção “um belo dia” e o principal objetivo é analisar o pareamento forma e função dessa construção, a partir de suas propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discurso-funcional (CROFT, 2001).

A base teórica são os autores de referência do Funcionalismo, mais especificamente, da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual entende que a linguagem deve ser estudada a partir de situações comunicativas específicas, a fim de se perceber a riqueza da diversidade linguística. Entre esses autores estão Bybee (2010), Furtado da Cunha (2013), Martelotta (2011) e Rios de Oliveira (2012).

Nosso estudo também tem como base teórica a Gramática das Construções, que concebe a língua como uma rede conceitual portadora de um sistema de entidades cognitivamente interconectadas. Entre os representantes dessa teoria estão Croft (2001), Goldberg e Jackendoff (2004), Martelotta (2011), Rios de Oliveira (2012) e Traugott e Trousdale (2013).

A justificativa dessa pesquisa é o fato do pareamento “um belo dia” ser polissêmico e exercer diferentes funções e significados no Português Brasileiro (PB), como demonstram as seguintes ocorrências:

1. Clara lava e engoma para sustentá-lo, e no terreiro da estalagem em que moram ela canta uma trova qualquer em um belo dia de sol. 1903 Época:1874 a 1905. Clara. Nasceu..1868. Morte do pai..1887 Deflorada..1888. (12 ou 13 de maio). Dá à luz..1889 Deixada..1892 Casada..1894 Viúva.. 1899 Amigada de novo..1900. (Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus* do Português).
2. Esse pretinho usava farda de major honorário, e tendo estado no Paraguai, obtivera umas honras militares. Depois, com sucessivos acontecimentos, as honras foram aumentando e, um belo dia, surge um, em Pernambuco, de igual nome, branco, que também tinha estado na campanha. Papéis pra lá, papéis pra cá, o branco foi considerado como sendo o que de direito. (Diário íntimo, Lima Barreto, *Corpus* do Português).



Esses fragmentos apresentam usos distintos para a construção “um belo dia”. No primeiro fragmento anterior, há uma sequência verbal no presente do indicativo que informa ao leitor uma rotina habitual da personagem e que juntamente com “um belo dia” reforça que é esse evento ocorre em um tempo indeterminado. Em relação ao escopo sintático, temos nesse fragmento o pareamento relacionado com o verbo “cantar”, acrescentando uma informação de natureza qualificadora à referência temporal “dia” à ação praticada pela personagem (cantar uma trova qualquer). Ademais, há ainda o modificador “de sol”, que complementa a descrição temporal, e cronológica, dos fatos narrados.

Já no outro fragmento, temos o pareamento em um fluxo narrativo que apresenta uma sucessão de fatos. Anterior ao “um belo dia” há fatos no pretérito, depois de “um belo dia” os fatos estão no presente. A construção está auxiliando na organização da narrativa. O escopo sintático já não é somente o verbo, mas uma oração toda encabeçada pela construção, por isso, “um belo dia” se encontra entre vírgulas e em uma posição pré-verbal.

A hipótese do estudo é que a construção “um belo dia” passa por um processo de mudança, em seu uso mais abstratizado e atua no nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa, cabe, no entanto, conhecer os efeitos de sentido que seu uso produz.

A pergunta de pesquisa que orienta a pesquisa é a seguinte: “Quais são os contextos de produtividade dessa construção?”

Os dados analisados integram o *Corpus* do Português escrito/oral contemporâneo e pode ser acessado pelo link <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Esse *corpus* foi criado por Mark Davies, professor de linguística da Universidade Brigham Young, dos EUA e Michael Ferreira, pesquisador da Universidade de Georgetown, também dos EUA.



A seguir, trouxemos uma investigação diacrônica do pareamento “um belo dia” e uma análise através da noção de contextos de gramaticalização (DIEWALD, 2002).

### **Percurso diacrônico de “Um belo dia”**

Apresentamos uma investigação diacrônica da construção “um belo dia” feito em consulta ao *Corpus* do Português através dos séculos, com a finalidade de mostrar a recorrência do uso em cada século e verificar a partir de qual período o *Corpus* registra esse pareamento. Essa investigação foi feita através da ferramenta de busca oferecida pelo *Corpus* sendo possível consultar as ocorrências desde o século XIV até o século XX no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). Encontramos no total 116 ocorrências do pareamento no PB, 79 ocorrências no século XIX e 37 no século XX. No PE, encontramos no total 24 ocorrências, 2 ocorrências no século XVIII, 05 ocorrências, no século XIX e 17 ocorrências no século XX. Os demais séculos não registraram ocorrências do pareamento “um belo dia”.

Ressaltamos que fizemos a busca no *Corpus* por \*belo dia, \*belo, \*bello, em que o asterisco pode ser ocupado por qualquer palavra. Buscamos por “bello” porque há essa variação na grafia, tanto no PB quanto no PE. No século XIV não há ocorrências com as palavras “belo” nem “bello”. Somente a partir do século XV o *Corpus* trouxe registros com essas palavras, entretanto não trouxe nenhuma ocorrência do pareamento “um belo dia”.

No PE, houve uma ocorrência no século XVI, mas usando o artigo definido “o belo dia” e não o indefinido.

3. Tudo, enfim, faz mudança, quanto o claro Sol vê, quanto alumia; nem se acha segurança em tudo quanto alegre o **belo** dia; mudam-se as condições, muda-se a idade, a bonança, os estados e a vontade. Só a minha inimiga a dura condição nunca mudou, para que o mundo diga que, nela, lei tão certa se quebrou; só ela em me não ver sempre está firme, ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me. (Obras, Camões, *Corpus* do Português).



Nesse contexto, a construção “Um belo dia” está no sentido lexical, marcando um tempo concreto, físico. Esse sentido pode ser comprovado pelo contexto, pois o autor está descrevendo um tempo concreto em que compara as várias estações do ano. Sendo assim, estamos diante de um uso que descreve um tempo físico.

Continuando a nossa busca no *Corpus* do Português e no PE não encontramos nenhuma ocorrência do pareamento “um belo dia” no século XVII. Entretanto, no século XVIII, houve 2 ocorrências do mesmo livro intitulado “Reflexão sobre a vaidade”, de Matias Aires, datado em 1743 que apesar de não trazer de forma clara a origem do livro, deduzimos por meio de indícios que se trata de um livro publicado pelo PE, pois o autor dedica esse livro ao Rei, usa uma linguagem típica do PE e na época da publicação não tínhamos ainda uma grande produção literária no Brasil. Seguem as ocorrências.

4. uma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de **um belo dia**, uma noite escura; assim a beleza: o vício nela não costuma ser como um regato, mas como torrente; o que tem de imperfeito, não é como um sinal (efeito enfim da meditação) mas como uma mancha verdadeira; (Reflexões sobre a vaidade, Matias Aires, *Corpus* do Português).

5. então o ar puro, e imóvel, faz que as fontes corram, e não murmurem; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura, e que as flores cresçam livremente; assim devia ser, porque em **um belo dia**, não há vento que encrespe as águas, que perturbe as aves, e que desfolhe as flores; só então é que os montes são anfiteatros, que servem de decoração aos vales; (Reflexões sobre a vaidade, Matias Aires, *Corpus* do Português).

Notamos, então, que nas ocorrências anteriores, os construtos são composicionais, porque cada elemento do construto é morfológica e semanticamente distinto. Na ocorrência 4 percebemos essa composicionalidade porque o construto se contrapõe com “uma noite escura”. Confirmando, assim, que “um belo dia” faz referência a um tempo concreto, físico, lexical e não exerce uma função procedural. A ocorrência 5 também faz referência ao léxico, porque a descrição que veio após o



pareamento confirma essa afirmação, pois são elementos que compõem, segundo o autor, a beleza de um dia. Sendo assim, notamos que o pareamento “um belo dia” teve como uso inicial uma construção ligada ao léxico, ao concreto, tendo em vista essas duas ocorrências, do século XVIII e a outra do século XVI.

Analisando os dados, é possível inferir que o pareamento “um belo dia” se originou no PE, no século XVI formado ainda pelo artigo definido “o belo dia” e no século XVIII, já constituído por “um belo dia” com um sentido bem lexical, ligado a um tempo concreto. E o século mais produtivo foi o século XIX, no PB.

Em relação aos dados do PB, fizemos também um levantamento do pareamento “um belo dia”, distinguindo a esfera de uso da língua (gênero, domínio discursivo), com o objetivo de confirmar a vocação narrativa da microconstrução “um belo dia” e perceber se havia uma correlação entre essas esferas e os usos e qual era mais produtivo e, conseqüentemente, e de qual seqüência textual o pareamento é prototípico. Partimos da hipótese que ela apareça em esferas narrativas mesmo nos usos mais concretos, revelando uma vocação narratológica. Fizemos esse levantamento apenas no século XX, pois é o único século em que o *Corpus* registra a informação sobre a esfera de uso, e reconhecendo também que essas informações são suficientes para uma generalização.

Foram detectadas 28 ocorrências na esfera ficcional, 6 ocorrências na esfera jornalística, mais especificamente, nas entrevistas, e 3 ocorrências na esfera oral e nenhuma na esfera acadêmica.

Esclarecemos que a esfera ficcional inclui textos narrativos de caráter subjetivo, como os dos gêneros crônica, romance e conto, os quais são constituídos predominantemente por seqüências dialogais, narrativas e descritivas.

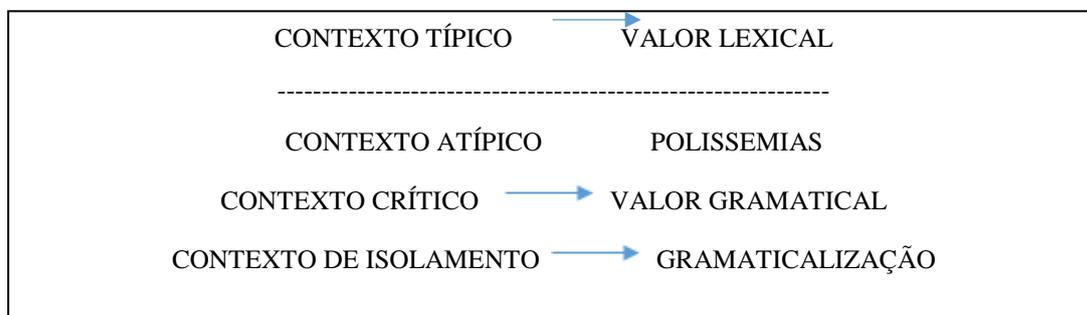
Portanto, ao final do levantamento, constatamos que a esfera mais produtiva é a ficcional que apresentou 28 ocorrências no total, sendo 25 ocorrências do uso mais abstratizado. No que concerne à seqüência, concluímos que a seqüência narrativa foi a



mais produtiva que a sequência descritiva. Com isso, confirmamos a hipótese de que “um belo dia” é mais usado em esferas narrativas mesmo nos usos mais concretos.

### Os contextos de gramaticalização

Após a investigação diacrônica, fizemos também uma análise dos dados conforme as noções de contextos de gramaticalização segundo Diewald (2002). Essa autora nomeia as etapas de mudança de uma construção como estágios de gramaticalização de contexto, começando pelo *contexto típico*, aquele em que a construção está no nível lexical, sendo usada no seu sentido mais objetivo, passando pelo *contexto atípico* e pelo *contexto crítico* até o *contexto de isolamento*. No quadro



abaixo é possível verificar a principal característica de cada contexto,



Quadro 1: Tipos de Contextos

É possível notar que, em um processo prototípico de gramaticalização, o *contexto típico* é aquele em que a construção é conceitual e, portanto, mais ligada ao léxico. O *contexto atípico* diz respeito à primeira fase do processo de gramaticalização, quando a construção passa a ter uma expansão de usos, ou seja, a construção passa a ser usada em contextos não esperados. Nesse processo, o novo significado pode ser gramaticalizado, surge como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é



contextual e pragmaticamente acionado, e não explicitamente codificado no próprio item linguístico. *Contextos atípicos* podem persistir após a gramaticalização.

A segunda fase é a ativação efetiva do processo de gramaticalização, intitulado *contexto crítico*, em que a construção apresenta opacidade estrutural e múltiplos significados, podendo ter várias interpretações, entre elas, o novo significado gramatical. As funções de *contextos críticos* são estimulantes para a gramaticalização, mas permanecem apenas nesta fase e desaparecem no estágio posterior.

A última fase é o *contexto de isolamento*, em que se instaura a gramaticalização, pois, há dois significados: o novo significado gramatical, em oposição a um significado mais lexical, o mais velho. Esta separação dos dois significados, velho e novo, é atingida quando se tem duas construções distintas e essas construções terão contextos linguísticos específicos, em que um uso excluirá o outro uso, ou seja, eles não mais concorrerão. Quando há essa oposição entre um uso e outro, o processo de gramaticalização foi concluído.

A noção de contextos foi eleita como parâmetro porque, ao se trabalhar com a microconstrução “um belo dia”, em uma pesquisa ancorada na LFCU e a na Gramática de Construções, entende-se que esse parâmetro oferecerá dados para se traçar um *continuum* de mudança e mostrar uma possível construcionalização, pois pretendemos rastrear os vários usos dessa construção, desde o contexto típico até o contexto de isolamento (DIEWALD, 2002).

Para esse momento, apresentamos as características dos construtos no PB em relação aos contextos típico e crítico, conforme Diewald (2002).

### **Contexto típico**

A nossa análise iniciou-se pela separação dos construtos por contexto e por século. Tivemos como resultado no contexto típico, 04 ocorrências no século XIX e 05 no século XX, totalizando 09 construtos.



Depois de ter feito o levantamento quantitativo, passamos a analisar os construtos qualitativamente, analisamos as seguintes questões: posição na oração, sequência textual, posição sintática, valor semântico e constituição morfológica. Elegemos esses níveis de análise por causa da natureza do fenômeno. O resultado desse levantamento está na tabela abaixo.

Contexto Típico		
Níveis de análise	Aspectos da análise	Total
Posição na oração	Início da frase	3
	Meio da frase	3
	Final da frase	3
Sequência textual	Narrativa	0
	Descritiva	9
Posição sintática	Sintagma nominal	5
	Adjunto adverbial	4
Valor Semântico	Sentido lexical, - abstratizado, possui uma referência física, espacial. Em relação a referência textual, exerce uma função catafórica e anafórica.	
Constituição Morfológica	É composicional, os elementos aceitam inversão, material interveniente, aceita grau. Funciona como um qualificador.	

#### 1.0 Tabela contexto típico

Quanto ao primeiro nível de análise, “posição na oração”, verificamos que o construto “um belo dia” pode aparecer em qualquer posição. Quando aparece no início da frase, funciona como um sujeito acompanhado dos verbos “amanhecer” e “fazer” ou logo após do uso de reticências. A seguir uma ocorrência com o verbo “amanhecer”.

6. Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza. Amanhecera **um belo dia** de sol, quente, luminoso, de uma transparência fina de cristal lavado. Logo pela madrugada, antes de apagar-se a última estrela, a corveta " acendera fogos ", e demandava o porto, em árvore seca, impulsionada pela sua velha máquina de sistema antigo - um estafermo quase imprestável, porejando vapor, abrindo-se toda em desconjuntamentos de maquinismo secular. (O Bom-Criolo, Adolfo Caminha, *Corpus do Português*).



Percebemos então que os verbos com os quais “um belo dia” se relaciona possuem ligação com tempo concreto, lexical, por exemplo, temos no fragmento “amanhecer” verbo que possui esse traço em sua carga semântica.

Outra característica recorrente nesse contexto, é o fato de haver, na maioria dos casos, um modificador para a palavra “dia”, como pode ser notado anteriormente, “de sol, quente e luminoso”. Esse modificador apareceu também quando o construto “um belo dia” está no meio ou no final da frase. Analisamos essa característica como outro indício de que o pareamento “um belo dia” se refere ao dia em um sentido lexical, concreto, pois aceita que haja uma locução adjetiva para melhor definir o dia em que se passa a história narrada, trazendo assim uma maior precisão do tempo.

Em relação à “posição sintática”, o construto “um belo dia” pode aparecer tanto no sintagma nominal, exercendo uma função de sujeito, predicativo do sujeito ou complemento nominal, quanto no sintagma adverbial, exercendo uma função de advérbio de tempo, com uma pequena diferença, tende a vir mais no sintagma nominal. A seguir trazemos uma instanciação para exemplificar a microconstrução funcionando como predicativo do sujeito,

7. O incêndio foi debelado. A sexta-feira foi **um belo dia**. Estado - E o início da semana? Lopes - Tenso. Na terça-feira, com a queda nas bolsas, entregamos reservas e avaliamos que a situação se acalmaria. Mas sempre fica a dúvida. A intenção era recomprar os dólares na quarta-feira. (Francisco Lopes, *Corpus* do Português).

Quanto aos outros níveis de análise: “sequência textual” e “o valor semântico”, a sequência que predominou nesse contexto foi a descritiva, e semanticamente, o construto exerce uma função menos abstratizada, com um sentido lexical que faz referência ao mundo real, físico, espacial e quando faz referência textual, exerce uma função catafórica e anafórica.



Em uma visão morfológica, temos uma estrutura bastante composicional. O construto aceita inversão, material interveniente, grau e funciona como um qualificador. Para exemplificar trazemos a seguinte instanciação

8. Li-a e não a compreendi.. Ah! meu Deus! Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: " Suicidou-se no pavilhão um doente. **O dia está lindo**. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja **o dia tão belo** como o de hoje " Não me animo a dizer: venceste, Galileu; mas, ao morrer, quero com um sol belo, de **um belo dia** de verão! VI Hoje é segunda-feira. Passei-a mais entediado do que nunca. Li o Plutarco, mas não tive animo de acabar com a leitura da vida de Pelópidas. (O cemitério dos vivos, Lima Barreto, *Corpus* do Português).

Através da ocorrência 8 é possível perceber que o construto é totalmente composicional porque aceita material interveniente, “tão” que dá a noção de grau aumentativo. Nessa ocorrência há usos com as palavras “dia”, “belo” e “lindo” que reforçam como o construto no contexto típico aceita outras possibilidades de construção.

Notamos ainda que o construto é formado por [SD+SAdj+SN] que, no contexto típico, o [SN] pode estar tanto no começo quanto no final do construto e o sintagma determinante [SD] pode apresentar o uso de “um” ou “o” e ainda, em alguns casos, com preposições, “do”, “dum” e “num”.

Em resumo, o contexto típico possui como características ser bem composicional, exercendo uma função, predominantemente, na sequência descritiva e no sintagma nominal. Passamos agora as características do contexto crítico.

### **Contexto crítico**

Em uma análise quantitativa dos dados trazidos pelo *Corpus* do Português, temos no contexto crítico, 29 ocorrências no século XIX e 6 no século XX, totalizando 35 construtos. O fato de ter menos ocorrências no século XX agora no contexto crítico



quando comparado com o contexto atípico se justifica porque no contexto crítico as ambiguidades que existiam antes agora se fixam, se desfazem. Na tabela a seguir, da mesma maneira que fizemos nos outros contextos, traçamos as características desse construto nesse estágio de gramaticalização.

2.0 Tabela contexto crítico

Contexto Crítico		
Níveis de análise	Aspectos da análise	Total
Posição na oração	Início da frase	18
	Meio da frase	15
	Final da frase	02
Sequência textual	Narrativa	35
	Descritiva	0
Posição sintática	Sintagma nominal	0
	Adjunto adverbial	35
Valor Semântico	Sentido + abstratizado, possui uma referência textual (abstrata), ligada ao tempo narratológico, cumpre com a função de trazer o clímax da história. Possui uma referência catafórica.	
Constituição Morfológica	Não é composicional.	

Quanto ao primeiro item da tabela, notamos que o construto permanece no início e no meio da oração, em muitos casos, separado por vírgulas, assim como estava no contexto atípico, a sua volta também há verbos de ação, entretanto agora tem como tendência vir acompanhado de expressões de realce, como “até que”,

9. O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que um belo dia, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras



lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada. (O cortiço, Aluísio Azevedo, *Corpus* do Português).

10. Quase sempre levava-lhe presentes de doce, frutas, e perguntava-lhe se precisava de roupa ou de calçado. Mas, **um belo dia**, apresentou-se tão ébrio, que a diretora lhe negou a entrada. Desde essa ocasião, Jerônimo teve vergonha de lá voltar, e as suas visitas à filha tornaram-se muito raras. Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses da pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina, no caso que não liquidassem prontamente a dívida. (O cortiço, Aluísio Azevedo, *Corpus* do Português).

O uso da expressão de realce “até que” e da conjunção adversativa juntamente com o construto “um belo dia” ajudam a alertar o leitor que o fluxo da narrativa irá mudar, que algo novo está para acontecer.

Analisando a instanciação 9, percebemos que há uma gradação semântica verbal que começa no verbo “desconfiar”, depois passa para “espreitar” chegando no ponto máximo que é “seguir”, pois aí o personagem descobre que estava sendo traído pela esposa, apresentando assim o ápice da narrativa, que agora já se encaminha para o desfecho do problema instaurado.

Através de uma consulta em Neves (2000), descobrimos que a preposição “até” exerce vários papéis semânticos, entre eles a circunstanciação de tempo, em que uma ação/processo/estado chega a um limite final temporal. Analisando então a nossa ocorrência por esse viés semântico, percebemos que a preposição “até”, juntamente com o construto “um belo dia”, formam um clima de gradação das ações executadas pelo personagem até chegar ao seu limite, que foi seguir a mulher.

Na instanciação 10, “um belo dia” introduz o fato de a personagem não ter conseguido entrar mais na escola, portanto altera o fluxo narratológico, pois juntamente com a conjunção adversativa “mas” altera toda a rotina que o personagem tinha. De acordo com Neves (2000), a conjunção, “mas”, entre outras funções semânticas, quando



ocorre no “início de enunciado, muito caracteristicamente, em início de turno” (NEVES, 2000, p. 767) possui o papel semântico de introduzir um novo tema, que contrasta com o anteriormente selecionado, não implicando uma desconsideração ou desvalorização, propriamente dita, mas marcando uma progressão temática.

Essa progressão fica evidente na instanciação 10 porque depois da conjunção “mas” e do construto “um belo dia”, há uma mudança na sequenciação dos fatos narrados, pois o pai agora está ausente da vida da filha e isso muda o percurso narratológico e, conseqüentemente, traz para a narrativa um ponto máximo em que há uma complicação que precisa ser resolvida.

Em relação a posição sintática, predominantemente, o construto assume uma função no sintagma adverbial e a função exercida pelo construto recai não só no período, mas no texto de uma maneira geral. Essa afirmação é possível, pois como já foi mostrado nas instancias 9 e 10, depois do construto a narrativa tem um outro fluxo narratológico, há uma mudança significativa nos fatos narrados e, conseqüentemente, o construto está presente nas sequências narrativas e não descritivas, como era comum no contexto típico.

“Um belo dia” exerce a função de avaliar, opinar a respeito do fato narrado, com um sentido + abstratizado, fazendo, geralmente, uma referência catafórica. Portanto, o construto está mais ligado à progressão discursivo-textual que organiza o tempo dos eventos, e não ao tempo físico. Quando usado de maneira topicalizada, o interlocutor rompe com a ordem SVO da oração e usa o recurso cognitivo da contrastividade, citado por Furtado da Cunha (2013), como um recurso que serve para chamar a atenção do locutor para o fato narrado, quebrando a expectativa que vinha sendo construída pelo interlocutor.

Em termos pragmático-discursivos, “um belo dia” permanece em uma sequência narrativa ficcional, mais subjetiva, marcando agora um tempo mais narratológico do que concreto e junto com o determinante, o adjetivo e o substantivo formam um todo,



nomeado na literatura construcional como um *chunk* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), em que não é mais possível fazer a leitura pela soma dos elementos constituintes do pareamento, mas que agora o interlocutor realiza a leitura pelo todo.

Nesse contexto, entendemos que o interlocutor ao ouvir “um belo dia” o interpreta, em muitos contextos, como um “de repente”, “repentinamente”, isto é, o interlocutor entende que depois “um belo dia” haverá uma informação importante na narrativa, não esperada, e que isso mudará o fluxo narratológico.

Entendemos que houve uma neanálise desse construto, em que é possível fazer a troca pela locução de tempo “de repente” sem alterar o resultado pretendido pelo interlocutor.

11. (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. - E por que a deixou? Aborreceu-se? - Não a deixei. É seu costume; **um belo dia**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. (Lucíola, José de Alencar, *Corpus* do Português)

12. (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. - E por que a deixou? Aborreceu-se? - Não a deixei. É seu costume; **de repente**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. (Lucíola, José de Alencar, *Corpus* do Português)

Ao fazer a troca pela locução de tempo “de repente”, notamos então que noção de tempo, apresentada anteriormente nos outros contextos, nesse contexto ainda persiste, confirmando assim o princípio da persistência de Hopper (1991 apud GONÇALVES et al, 2007), o qual afirma “que há alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada” (GONÇALVES, et al, 2007, p. 83).



Compreendemos dessa maneira porque, apesar de a microconstrução ter assumido também uma função morfológica de locução adverbial ou um advérbio, a noção de tempo persiste é notável no seu uso entretanto, no contexto crítico, o adjetivo “belo” já foi neoanalisado e o sentido não está mais ligado à beleza em si, mas a algo extraordinário, diferente, tem a significação ligada, então à um fato novo que será revelado na narrativa.

Nesse sentido, entendemos que a intersubjetividade (CROFT, 2011, MARTELOTTA, 2011) é recuperada pelo interlocutor através do contexto, quando a microconstrução é usada em uma instanciação com um sentido mais abstratizado. E o interlocutor consegue recuperar o sentido mais abstrato através dos mecanismos: metáfora e metonímia. Nas instanciações a seguir, trazemos a microconstrução formadas por “o belo dia” para exemplificar isso.

13. Outros havia piores do que ele, ora! - Meu bem, tristezas não pagam dívidas. É andar, é andar sem olhar para trás. Mas quando, **Um belo dia**, Maria declarou-lhe positivamente que estava prenhe, que sentia " uma coisa " bulir-lhe na barriga, João estremeunhou. - Que se há de fazer, filha? Agora é ter paciência. Foi uma fatalidade, foi uma fatalidade. Há de se arranjar a coisa do melhor modo possível. (A normalista, Adolfo Caminha, *Corpus do Português*).

14. ela, igualmente transfigurada, cheia de prenhez e mau trato, descarnada, sem cor, caía-lhe nos braços freneticamente, louca, ressuscitando-lhe, com os seus beijos de fogo, todas as fibras adormecidas do amor. **Um belo dia** acordaram sem um centavo. O dono da casa negou-se logo a fornecer comida, enquanto não pagassem o que já deviam. - ao menos hoje! disse-lhe o Borges, tomando-o de parte. - Não quero nada para mim, é só para ela, para minha mulher! coitada! (Filomena Borges, Aluísio de Azevedo, *Corpus do Português*).

Nessas duas instanciações anteriores, notamos que “um belo dia” não introduz algo bom, positivo para os personagens, mas algo inesperado e negativo, pois na instanciação 13 a personagem fica grávida sem ter planejado e na 14 os personagens



estão pobres, sem nenhum centavo, duas situações difíceis e inesperadas e, mesmo assim, a construção “belo” está presente, portanto, confirmamos, que essa construção já foi neanalisada pelos interlocutores e, por isso, é aceita nesses contextos de usos.

### Considerações finais

Em linhas gerais, ao analisarmos os usos de “um belo dia” nos dois contextos notamos que a microconstrução ainda não chegou ao último estágio da gramaticalização, nomeado por Diewald (2002) por contexto de isolamento onde a microconstrução ganha um contexto específico, pois terá a oposição entre os significados velho e novo. Acreditamos nisso porque a microconstrução “um belo dia” por mais gramaticalizada que esteja, a ideia de tempo ainda persiste e, deste modo, não restringe o uso a contextos específicos.

E com essa afirmação, respondemos a nossa pergunta de pesquisa, a saber, “Quais são os contextos de produtividade dessa construção?” Ou seja, ao analisar as ocorrências obtidas através do *Corpus* do Português, concluímos que a microconstrução possui como contextos de gramaticalização, o típico, o atípico e o crítico, entretanto, ressaltamos que para este artigo trouxemos os contextos típico e crítico apenas, porque compreendemos que através desses dois contextos seria possível verificar a mudança ocorrida com esse pareamento.

### Referências

BYBEE, J. A usage-based perspective on language. In: BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.



DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>> Acesso em: 25 maio. 2015.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. DIEWALD, G. (eds.). **New reflectionson grammaticalization**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA et al. (orgs). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GOLDBERG, A. E. **Construction at Work**: The nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E; JACKENDOFF, R. *The English resultative as a family of constructions*. [S.I.], [2004?]. Disponível em <<https://www.princeton.edu/~adele/papers/Papers/resulttv3h-revised.rtf>> Acesso em: 27 abr. 2016.

GONÇALVES, S C. L. et al. (Orgs). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press. 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística** – uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez. 2011.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RIOS DE OLIVEIRA, M. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. de. (Orgs). **Funcionalismo linguístico**: Novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Cambridge: MIT Press, 2010.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.